

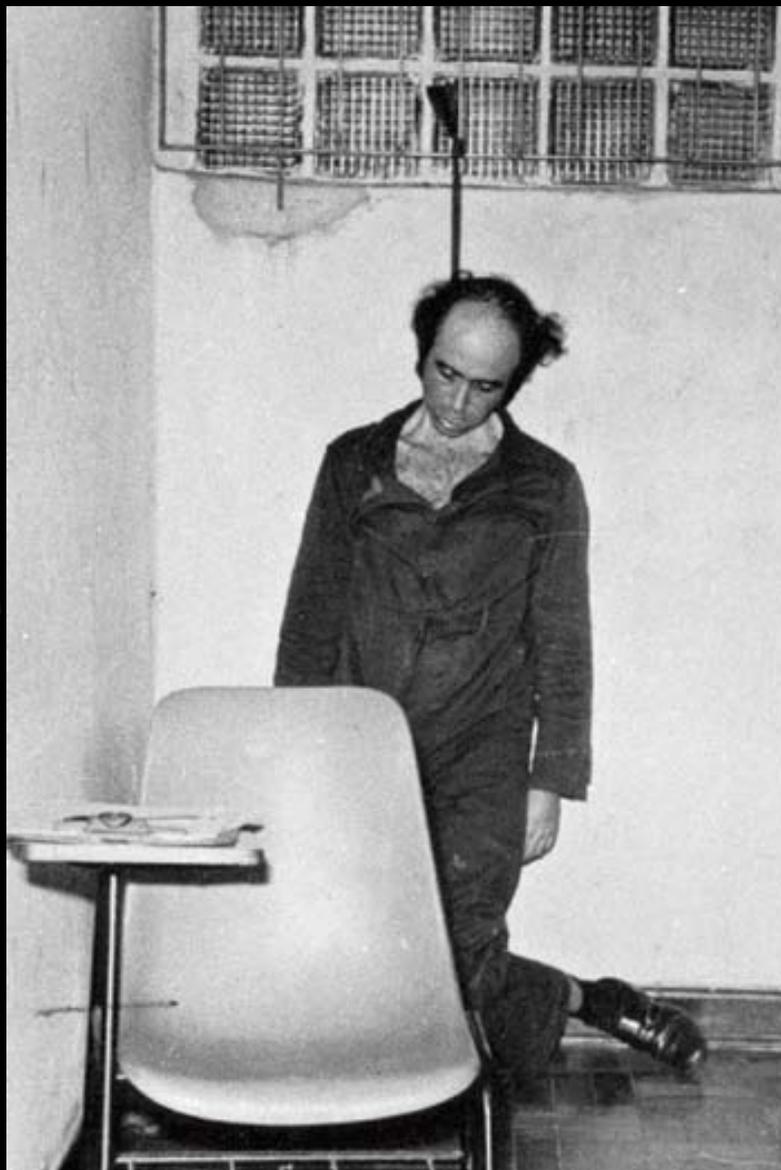
ECA DE MANUEL DIAS E HELDA BARRACCO APAGOU OS VESTÍGIOS DE HERZOG

Beatriz Vicentini
Jornalista

Fotos: Acervo Instituto Vladimir Herzog



Aquela segunda-feira de outubro de 1975 em que se soube, na USP, da morte de Vlado Herzog, permanece em minha memória: sinto ainda o frio da sarjeta, onde muitos permanecemos sentados durante parte da manhã, na ECA, olhando no vazio... Nos últimos anos vieram à tona fatos chocantes, como a ordem da chefe do Departamento de Jornalismo para apagar o nome de Herzog do Relatório de Atividades



Quanto ainda haverá para se descobrir em torno da vida de Vladimir Herzog, morto nas dependências do Destacamento de Operações de Informações (DOI-CODI) do II Exército em 25 de outubro de 1975? Entre agosto e outubro daquele ano fatídico, Vlado foi professor da disciplina Jornalismo Televisionado na Escola de Comunicações e Artes (ECA), como lembram vários de seus ex-alunos. Mas o que houve entre o seu cotidiano docente e as tentativas para apagar sua passagem pela ECA, poucos sabem. Não envolveu apenas a sua memória, mas o futuro de Diléa Frate, aluna recém-formada que começara a dar aulas naquele semestre, praticamente escorraçada da escola pelo diretor Manuel Nunes Dias, depois que ela deixou as celas do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS, a polícia política), onde esteve presa no mesmo período em que Vlado foi morto.

Aquela segunda-feira, 27 de outubro de 1975, em que se soube, na USP, da morte de Herzog, permanece em minha memória: sinto ainda o frio da sarjeta, onde muitos permanecemos sentados durante parte da manhã, na ECA, olhando no vazio, sem entender, querendo saber mais do que havia acontecido. Informações desencontradas, a contradição entre as conversas quase sussurradas e as tentativas de se promover assembléias, ficaram. A sensação de medo, de insegurança, comentários que se multiplicavam em voz baixa. Além da morte de Vlado, que a maioria dos estudantes não havia conhecido pessoalmente, havia ex-alunos e alunos mais próximos do convívio de

muitos que foram presos naquela ocasião e que permaneciam encarcerados. E isso assustava!

Eram tempos em que ainda se falava muito pouco e ficava difícil saber o que realmente acontecia, especialmente para nós, calouros. Ao longo daquela semana, não importava que não houvesse aulas, ninguém deixava de ir à ECA — onde faixas de indignação contra a morte do professor e a prisão de colegas já se espalhavam — mesmo que fosse apenas para tentar conversar, saber. Éramos centenas de estudantes em greve, enfrentando o próprio medo. Mas muito do que eu soube e entendi só foi possível muitos anos mais tarde, como talvez ocorreu com muitos de nós.

Gabriel Priolli, aluno da ECA em 1972, foi estagiário de Herzog na TV Cultura: “Vlado me chamou à sua sala, na noite de 24 de outubro: ‘Posso ser preso a qualquer momento, então pegue os trabalhos da sua turma e devolva aos seus colegas’, ele me pediu”. No dia seguinte, Vlado estaria morto

Em 2012, durante reencontro da turma de Jornalismo de 1972, a única a quem Vladimir Herzog deu aulas, o ex-professor foi homenageado. Apesar da passagem dos anos, alguns daquele grupo se lembram dele, com quem, contudo, a maioria realmen-

te teve pouca convivência. História das mais significativas é a de Gabriel Priolli, que lembrou a entrega de trabalhos para avaliação da disciplina, dias antes da morte de Herzog. Priolli, que além de aluno na ECA era estagiário de Herzog no jornalismo da TV Cultura, falou do clima tenso que envolvia quem trabalhavam na emissora, com denúncias contra a “infiltração comunista” que ali estaria acontecendo. “Não estranhei quando Vlado me chamou à sua sala, no início da noite de 24 de outubro, para dizer que a situação estava se agravando e poderia atingi-lo. ‘Posso ser preso a qualquer momento, então pegue aqui os trabalhos da sua turma e devolva aos seus colegas’, ele me pediu. ‘Quando as coisas se acalmarem, a gente vê como faz a avaliação do curso’, registrou Priolli. No dia seguinte, um sábado, Vlado estaria morto e a Priolli só restou devolver os trabalhos aos colegas de turma.

Outro jornalista daquela turma que registrou em artigo o choque daquela segunda-feira foi Paulo Eduardo Nogueira. “Logo cedo, nós nos reunimos na ECA para discutir como enfrentar a situação. Um dos colegas redigiu rapidamente um panfleto para distribuímos no enterro de Vlado e o assinou em nome da Comissão Universitária... Chegando ao cemitério, no fim da manhã, distribuimos o texto para algumas pessoas. Nunca li menção a este detalhe em nenhum lugar. Talvez a panfletagem tenha sido muito discreta, como exigia a época”, descreveu ele, anos depois. Em 2012, Paulo lembrou que não mais do que quatro ou cinco colegas foram com ele ao cemitério num clima de muita tensão.

Daniel Garcia/2004



Professora Alice Mitika

A passagem de Herzog pela ECA por muito pouco não foi apagada. Algo que se iniciou logo após sua morte, e que publicação da professora Alice Mitika Koshiyama, de 2008, denuncia. No artigo “A prática política para ser jornalista”, ela relata o que aconteceu no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA, naquele segundo semestre. “Colocamos o nome de Vladimir Herzog no rascunho do ‘Relatório de Atividades de 1975’ mas o nome dele foi suprimido do texto ‘oficial’, por ordem da chefe, professora doutora Helda Bullotta Barracco, que arbitrariamente se recusou a ouvir quaisquer protestos, alegando ordens superiores... Todas as pessoas do corpo docente (efetivos, contratados, à espera de contratos e voluntários), exceto Herzog, figuraram no Relatório”.

Documentos comprovam o registro de Alice, até hoje docente do mesmo departamento. Em 13 de agosto de 2012, o diretor da ECA, Mauro Wilton de Souza, em resposta a pedido de informações sobre os

docentes que ministraram disciplinas no Departamento de Jornalismo em 1975 e 1976, encaminhou cópia daquele relatório, à qual faltam algumas páginas se considerada a lógica da numeração dos itens. Em seguida a uma listagem de 39 nomes datilografados à máquina e com a devida identificação da categoria a qual pertenciam como docentes, aparece, escrito à mão, o nome “Wladimir Herzog” (grafado assim, com W). O procedimento se repete na relação de professores e respectivas disciplinas. Em Jornalismo Televisado, oferecido ao 7º semestre, aparece à máquina o nome de Gisela Swetlana Ortriwano e, de forma manuscrita, “W. Herzog”.

Em 2012, Alice explica que professores ministrarem aulas sem contrato, de forma voluntária, como aconteceu com Herzog, não era fato incomum, e diz que outras arbitrariedades, ainda mais graves, ocorreram na Universidade. Mas em seu artigo o comportamento de certos colegas, para os quais Herzog “representava uma presença imper-

tinente”, é motivo de indignação: “Não existiu sequer a possibilidade de vê-lo como um ser humano que havia morrido e deixava filhos, mãe e esposa. A direção do departamento não enviou sequer um voto de pêsames à família do colega falecido”.

Clarice recorda-se bem de que, após a morte de Vlado, nunca houve qualquer contato da USP, algo da instituição ou dos professores da ECA para com a família. “Todos tinham muito medo. No entanto seus alunos estiveram no enterro, os estudantes foram à missa”

Clarice Herzog, viúva do jornalista e professor, explica que Herzog gostava de dar aulas para estar em contato com os jovens, e expor as possibilidades de um jornalismo sério apesar dos limites impostos pela Ditadura Militar: “O Vlado começou dando aulas na FAAP [Fundação Armando Álvares Penteado], convidado pelo Perseu Abramo. Havia um projeto sério para o curso de jornalismo e Perseu procurou muita gente boa para trabalhar com ele. Depois, em função da ditadura, Perseu foi despedido e o grupo saiu junto”, conta ela.

Quanto à ECA, Clarice recorda-se bem de que, após sua morte, nunca houve qualquer contato da USP, algo formal da instituição ou dos professores da ECA para com a

36. Sinval Freitas Medina	Auxiliar de Ensino (1111) 40
37. Silvio Mercer Dworecki	Auxiliar de Ensino (1)
38. Sonia Maria Bibe Luyten	Auxiliar de Ensino (124)
39. Wilson da Costa Bueno	Auxiliar de Ensino (111) 40
Wladimir Herzog	

Nome de Herzog foi anotado à mão no relatório de 1975

família. “Todos tinham muito medo. No entanto seus alunos estiveram no enterro, os estudantes foram à missa”. Apesar do silêncio daquele tempo, Clarice se surpreendeu ao saber, por mim, da orientação para que o Departamento de Jornalismo e Editoração ocultasse a passagem de Herzog pela ECA. Foi a primeira vez que ela ouviu tal informação.

Vladimir Herzog chegou à ECA a convite de Diléa Frate. Recém-formada em Jornalismo na própria ECA, ex-aluna brilhante, Diléa fora recomendada por seus professores para assumir algumas aulas e já cursava o mestrado. Uma história que ela conta, destacando que ninguém antes teve interesse em saber detalhes. “Meu projeto de vida era cheio de romantismo: eu não queria ser jornalista. Queria ser professora universitária, achava lindo ser professora da ECA. Os estágios, o trabalho, eram apenas um aprendizado para ser uma docente melhor”, desabafa.

Mas nada aconteceu como ela sonhara aos vinte anos. Diléa, que aparece na listagem oficial de 1975 como professora assistente, em fase de contratação, diz que conseguiu convencer Vlado — amigo muito próximo do também jornalista, ex-aluno da ECA, Paulo Markun, com quem era casada à época — a dar aulas de Telejornalismo, apesar de sua restrição de tempo: “Ele gostava de estar com jovens. Sabia muito de cinema, de televisão, era um tremendo profissional. Eu tinha bom trânsito na escola, não houve restrições ao convite. Eram tempos de distensão, as pessoas acreditavam que o país estava mudando, Vlado e eu não éramos quadros do Partido Comunista [PCB, Partido Comunista Brasileiro]. Ele nem quis discutir salários e acabei acompanhando-o em algumas aulas”, lembra ela.

Só que Diléa foi presa junto com Markun, no dia 17 de outubro, ao lado de vários outros

jornalistas de São Paulo, acusados naquelas semanas de pertencerem ao PCB. Embora esse partido, colocado na clandestinidade, não estivesse envolvido em ações armadas, ele se tornou alvo da Operação Jacarta, violenta iniciativa dos órgãos de repressão política da Ditadura Militar que resultou no assassinato de vários membros da direção do PCB.

Diléa acabou liberada apenas no dia 25, depois da morte de Vlado. “Recebi um recado para que, ao voltar à ECA, antes de qualquer coisa, passasse pela sala do diretor. Estava amedrontada com tudo que enfrentara na prisão, inclusive as torturas, e obedeci. O diretor Manuel Nunes Dias, que me conhecia e com quem eu tivera uma boa convivência como aluna, me passou um ‘sabão’, dizendo que jamais me imaginara uma comunista, que eu o enganara, que tinha destruído minha carreira universitária, que saísse imediatamente dali”.

Daniel Garcia/2011



Clarice Herzog

*Pressionada pelo diretor da ECA, Diléa Frate abandonou as aulas e o mestrado, e não recebeu uma única manifestação de docentes do Departamento. Na Telesp, onde editava *Entrelinhas*, foi demitida no dia seguinte à sua saída do DOPS. “Da noite para o dia virei o diabo. Todo mundo me virou as costas”*

Chocada e intimidada, Diléa efetiamente saiu. E não voltou à USP, até poucos anos atrás. Deixou as aulas, o mestrado, e não recebeu uma única manifestação, sequer, de professores do Departamento de Jornalismo e Editoração. Na Telesp, onde editava a revista *Entrelinhas*, sua demissão

foi formalizada no dia seguinte à saída do DOPS. “Da noite para o dia virei o diabo. Todo mundo me virou as costas”. Nos documentos fornecidos pela ECA em 2012 encontramos confirmações da história relatada por Diléa. No Relatório de 1975, seu nome aparece como docente vinculada à disciplina Jornalismo Informativo, bem como entre professores que tiveram pesquisas individuais referenciadas. No seu caso, na área de Jornalismo de Humor no Brasil e como supervisora de três números do boletim da Agência Universitária de Notícias. Em 1976, porém, seu nome já não integra a listagem dos professores do Departamento.

Há ainda outras questões do Departamento de Jornalismo pouco divulgadas. Foi a própria professora Alice Mitika quem registrou que, naquele segundo semestre de 1975, o “Conselho do Departamento de Jornalismo e Editoração aprovou a contratação de um senhor, João Ulisses Cardoso, que se declarava publicamente ex-jornalista e policial de profissão, negando qualquer afinidade com atividades de ensino e pesquisa”.

Mas há mais: no livro *A Ditadura Encurralada*, Elio Gaspari recuperou documento do Centro de Informações do Exército, de 4/11/1975, que abre outra polêmica: “Durante o tempo em que João Walter Sampaio Smolka ficou à frente do telejornalismo do Canal 2, procurou cooperar com os órgãos de segurança, cooperação essa que se estendia até sua

função na ECA”. Sampaio coordenou o Departamento de Jornalismo e Editoração até abril de 1975, quando deixou a ECA, e foi demitido da TV Cultura em agosto. Dupla coincidência: Herzog passa a atuar na ECA em agosto, para ministrar a disciplina da qual Sampaio era professor até o semestre anterior, e assume na TV Cultura. Em 2004, dois anos após sua morte, Sampaio foi homenageado em seminário realizado no Museu de Arte Contemporânea, quando vários depoimentos apontaram na direção oposta à sugerida pelo documento do Exército. Um deles foi do professor Sinval Medina: “Lembro quando os agentes vieram prender o professor Jair Borin. A ECA vivia os momentos mais duros da Ditadura. Sampaio não pensou duas vezes e insistiu para acompanhar Borin. Queria ter a certeza de que o professor não iria desaparecer pelo caminho”.

Diléa Frate, entretanto, não se surpreende com tais descrições. Conta que quando chegou ao DOPS, vinda do DOI-CODI depois de quatro dias de torturas, sua identificação digital foi feita por Dulcídio Wanderley Boschilia, dublê de juiz de futebol e policial: “Ele riu de mim. Provocou, dizendo que éramos todos muito trouxas, que ele tinha muitos amigos na USP, infiltrados não só na ECA, mas na Universidade inteira”.

A dubiedade do registro da passagem de Herzog como professor da ECA e a “expulsão” informal de Diléa são apenas dois exemplos, entre diversos casos semelhantes. Naqueles anos tornara-se comum na USP que profissionais ministrassem aulas durante meses, sem receber sequer um centavo por seu trabalho e sem que

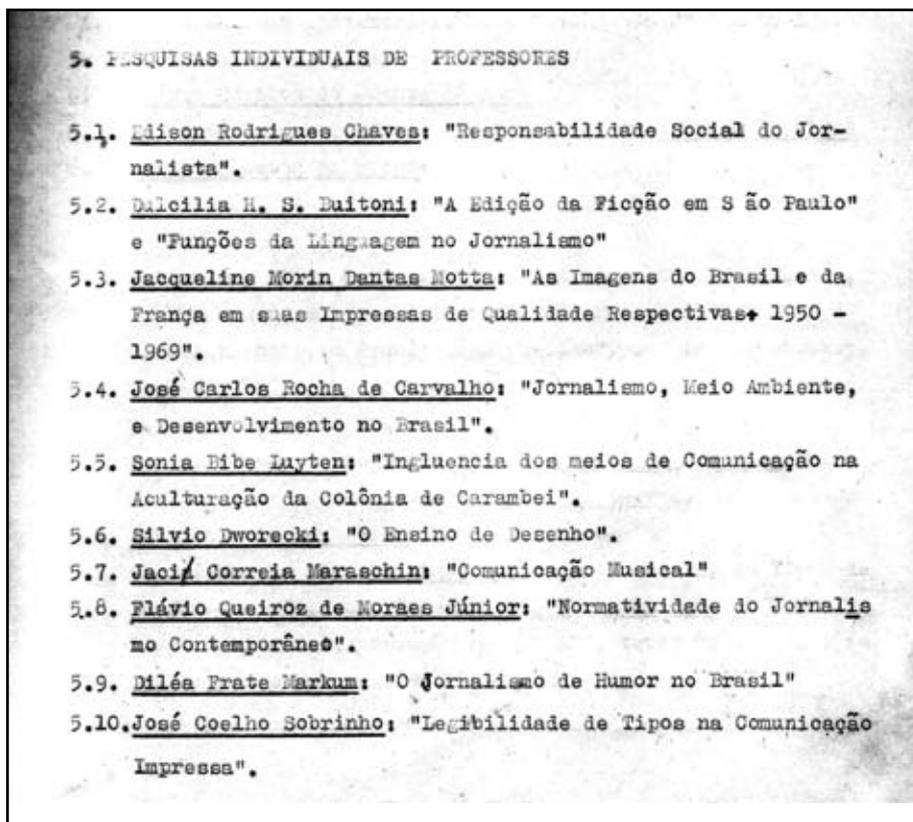
Luana Laux



Diléa Frate

seus vínculos fossem reconhecidos pela Universidade. Por outro lado, havia os professores que aguardavam a formalização de contratos que, porém, nunca chegava a ocorrer, porque eram barrados na “triagem ideológica”.

“A ‘triagem ideológica’ não deixa nenhum vestígio material, sua sistemática é a seguinte: os processos de contratação devem passar por uma ‘Comissão Especial’ ligada à Reitoria. Neste estágio é feita a consulta aos órgãos de segurança, sem nenhum despacho escrito de modo a não ficar vestígio algum”, afirmou a CPI da USP de 1977



Atividades de Diléa constam do relatório

A existência desse controle ideológico na contratação de professores tornou-se pública pela Comissão Parlamentar de Inquérito da Assembleia Legislativa de São Paulo sobre a USP: “A ‘triagem ideológica’ não deixa nenhum vestígio material, visto que sua sistemática é a seguinte: na tramitação normal dos processos de contratação devem eles passar por uma ‘Comissão Especial’ ligada à Reitoria. Neste estágio é feita a consulta aos órgãos de segurança, sem nenhum despacho escrito de modo a não ficar vestígio algum. Segundo o parecer oriundo de tais consultas espúrias, a critério do reitor, o processo segue sua tramitação ou é pura e simplesmente arquivado”, afirmou a CPI em seu relatório final, em novembro de 1977.

A CPI chegou a oficiar ao Conselho Universitário da USP, aler-

tando o colegiado sobre as evidências de “um processo ilegal, ainda que informal, que se convencionou chamar ‘triagem ideológica’, isto é, a consideração por parte dos órgãos universitários responsáveis pela contratação de docentes, de razões de ordem ideológica, extra-acadêmica, a determinação à aprovação ou não de qualquer processo de contratação”. Não há nenhuma resposta do colegiado arquivada no processo.

Mas alguns registros sempre escapam. Como o de Diléa. “Preferi seguir olhando para o futuro ao invés de me apegar ao passado, mover processos contra instituições. Me botaram muito medo àquela época e nunca imaginei que resquícios de minha passagem como docente da ECA tivessem permanecido. Felizmente nem tudo some”.